PERSONAGENS PRINCIPAIS NA SÉRIE 'PRISIONEIRA DO TEMPO'

- **Manuela,** uma mulher da atualidade que viaja para o século XIX em *Livro 1 – Recife - Prisioneira do Tempo.*
- **Henrique,** o marido de Manuela.
- **Valentina,** a amiga de Manuela.
- **Coronel Francisco de Melo,** um experiente militar português, do século XIX, que vive no Recife e se apaixona e casa com Manuela.
- **Maurício de Melo,** o irmão de Francisco de Melo.
- **Joaquim,** o melhor amigo de Francisco
- **Vinícius,** órfão brasileiro aos cuidados do seu tio, Joaquim.
- **Duarte,** o primo afastado de Francisco. Um português, virgem, filho de famílias abastadas com casas em Coimbra e no Rio de Janeiro.
- **Diana,** a irmã de Duarte. Portuguesa que vive entre o Brasil e Portugal.
- **José,** um almirante nobre radicado no Brasil, oriundo de famílias elitistas portuguesas, torna-se aluno de piano de Manuela.
- **Domingos Martins,** líder da Revolução Pernambucana no século XIX.
- **Teodora,** personagem verídica, uma jovem do século XIX que acolhe Manuela quando esta viaja no tempo. Casa com Domingos Martins.
- **Mãe Ada,** senhora idosa, do século XIX, que assume a responsabilidade pela Casa dos Expostos em Olinda, Pernambuco.
- **Dandara,** uma menina órfã, com vitiligo, deixada na Casa dos Expostos aos cuidados de Mãe Ada e, mais tarde, de Manuela.
- **Lucas,** a criança órfã abandonada na Casa dos Expostos com quem Manuela cria laços emocionais fortes.
- **Francisca & Fernando,** os irmãos que se voluntariam para ajudar na Casa dos Expostos.

- **Valentina,** criança acolhida na Casa dos Expostos e com quem Manuela cria laços. Menina com mancha peculiar debaixo da axila. Filha de Francisca.
- **Jovita,** uma jovem escrava de D. Pedro que Manuela reconhece, como se numa memória distante, quando a vê em *Livro 1 – Recife - Prisioneira do Tempo.*
- **Cabugá,** uma personagem verídica, do século XIX, com papel importante na Revolução Pernambucana.
- **D. João VI,** o filho da Rainha D. Maria I, *a Louca.* Assumiu a regência mesmo antes do falecimento da mãe.
- **D. Pedro IV / D. Pedro I,** o filho primogénito de D. João IV e Carlota Joaquina. Parte para o Brasil com a família.
- **Chalaça,** o amigo e conselheiro de D. Pedro I.
- **General Luís Rego,** uma personagem verídica. Tortura Francisco no *Livro 1 – Recife - Prisioneira do Tempo.*
- **Amir,** a criança escrava que Manuela compra, como forma de a proteger.
- **Abeden,** o pai de Amir.
- **Bernardo,** um comerciante de tecidos que violou Manuela.
- **Alice,** a sobrinha de Bernardo e aluna de piano de Manuela.
- **Mahommah,** um escravo que recebe ajuda de Manuela, incluindo numa fuga.
- **António Oliveira,** o filho bastardo de um rico fazendeiro de muitas terras, conhecido por ter lábio leporino.
- **Tenente Rabelo,** uma personagem verídica, condenada à morte enquanto um dos líderes da Revolução Pernambucana.
- **Marrocos,** de nome completo Luiz Joaquim dos Santos Marrocos, uma personagem verídica, ex-capitão e amigo de longa data de Francisco. Casado com Anna Maria. Responsável por levar a segunda remessa de livros da biblioteca real de Portugal para o Brasil.

Prólogo

Montevideu, 1818

A coluna da vanguarda ficou aquartelada na cidade de Montevideu, mas as forças portuguesas foram postar-se a cinco quilómetros das muralhas, montando postos avançados.

Os Voluntários Reais eram imensos. O regimento português contava com 4432 homens e a unidade de exército *brasileiro* dispunha de 662. Um mar de homens, de uniformes brancos e castanhos e outros azuis, invadia aquele território devastado. Todos vestidos com o maior asseio e garbo, com os seus chapéus altos e sempre acompanhados da Bandeira de Portugal.

Francisco escrevera cartas a Manuela, mas nunca obtivera resposta. Acreditava que o silêncio dela era devido a atrasos ou a medidas de segurança, por ele se encontrar constantemente entre batalhas. Porém, o seu coração encheu-se de esperança ao receber aquela correspondência.

De calças brancas e casaca de um castanho distinto, com punhos e colarinho verdes, adornado pela dragona de oficial e com as divisas de coronel, Francisco impunha respeito a qualquer um daqueles homens. Tirou a correia da patrona pelo pescoço e minutos depois um grito ensurdecedor ecoou bem alto, levando a que os soldados se apressassem em seu auxílio. Ergueu a mão, evitando que invadissem o seu espaço, que era agora tão seu e tão solitário. Os homens, intimidados, obedeceram sem hesitar. Quatro horas depois, regressaram e lá estava ele… no mesmo sítio, imóvel, encostado a uma árvore, com a cabeça entre as mãos que lhe amparavam as lágrimas. O gelo tinha-se apossado do seu coração. Seria cruel interromperem aquele momento tão íntimo e pesaroso. No seu rosto havia vestígios da passagem de muitas lágrimas, que lhe lavaram a pele outrora suja de terra. João Azevedo, capitão de um dos batalhões, aproximou-se, arriscando demovê-lo dali, mas Francisco não levantou o rosto e nem uma palavra pronunciou.

No dia seguinte, dois soldados voltaram a aproximar-se, mas tudo se mantinha igual. Dois dias depois, antes do anoitecer, homens do seu batalhão

acenderam uma fogueira e deixaram um cantil de cachaça e uma maçã do lado de Francisco. Não queriam corromper o espaço dele, mas a fogueira iria aquecê-lo durante a brisa noturna e proporcionar um maior conforto àquele homem que fora arrebatado por uma impetuosa desolação.

Duas auroras se passaram, até que Azevedo não mais suportou assistir àquele homem a decair, definhando na solidão do seu martírio. João Azevedo não lera a carta, mas o seu amigo major Manuel Costa também recebera notícias através de um amigo comum, Marrocos, o qual informara que a esposa do coronel Francisco de Melo havia falecido.

— Coronel! — murmurou Azevedo, arqueando ligeiramente as costas, mesmo em frente a Francisco. — Longe de mim interromper o seu luto, mas estou inteiramente disponível para partilhar a sua dor. Venho como amigo e não como capitão. — Francisco não se moveu, mantendo os olhos no chão, pelo que Azevedo insistiu, sentando-se ao seu lado: — Sei bem que a partilha não lhe trará qualquer alívio, mas também sei que não é alívio o que o coronel deseja neste momento. Falar sobre a sua esposa só manterá viva a memória dela.

— Obrigado, capitão — agradeceu Francisco, erguendo finalmente a cabeça, envolvendo os joelhos com os braços. — Um cruel feitiço foi lançado à minha família! Primeiro, o meu pai, depois, a minha mãe, seguiu-se o meu fiel amigo Domingos, o tenente Rabelo, o meu tão estimado amigo padre João Ribeiro… e agora, a minha mulher. A minha vida perdeu todo o sentido longe dela.

— A vida é feita de perdas… basta viver para sentir dor — comentou Azevedo, tentando confortá-lo. — Porque não escreve uma carta de despedida?

— Uma carta de despedida? Para a minha mulher?

— Sim. Porque não? — arriscou Azevedo. — Fiz isso quando perdi o meu filho e, ao fazê-lo, senti como se estivesse a falar com ele e a dizer-lhe o que me ia na alma.

— Lamento, capitão. Desconhecia a sua perda. Um filho foi coisa que nunca tive o privilégio de ter, mas posso imaginar o quão irrecuperável deve ser essa dor — mencionou Francisco, com um tom de compaixão na voz.

— Nunca amei verdadeiramente a minha mulher, por isso não posso compreender a sua dor — realçou Azevedo. — Mas tenho a certeza de que, quer eu, quer o coronel, jamais recuperaremos destas perdas. Acompanhar-nos-ão o resto das nossas vidas, mas mais cedo ou mais tarde estaremos todos juntos de novo — e, apoiando uma mão nas costas de Francisco, acrescentou: — Compreendo o quanto não deseja ouvir que tudo vai passar e que o tempo vai ajudar a esquecer e apaziguar essa dor. Não vai passar e nunca vai esquecer. Mas essa é a função do coronel… honrar a memória da sua esposa e sofrer em

vida pela sua ausência. — Francisco não se pronunciou, mas sorriu pelo canto dos lábios concordando com aquilo que acabara de ouvir. Azevedo ergueu-se e, antes de voltar costas a Francisco, reforçou: — Escreva a carta, coronel. Escreva quantas quiser e forem necessárias. Não cometa o erro de fugir da dor, enfrente-a. Enfrente-a com a mesma determinação que tem enfrentado todas as forças inimigas em tantas batalhas que já combateu.

Aquelas palavras não podiam ter sido mais certeiras. Num ímpeto, Francisco ergueu-se, entrou numa das tendas e procurou uma pena por entre aquele amontoado de uniformes e armas. Depois, começou a escrever a sua carta de despedida.

Meu único e eterno amor da minha vida,
embora não possas ler estas palavras, preciso de escrever esta carta de despedida. Não vejo outra forma de falar contigo senão assim. Nos meus sonhos não apareces, porque eu não consigo dormir, e, na minha vida, já não posso ver-te, porque partiste levando contigo parte de mim.
Depois de chorar a tua ausência dois dias inteiros, não tenho mais lágrimas para aliviar a minha dor… sinto-me vazio por dentro. Não foi só o meu coração que vestiu luto eterno, foi também a minha vontade de viver. A alma? Essa, levaste-a contigo, meu amor. As memórias que tenho são tantas e tão boas, que por vezes sinto-me egoísta ao ponto de as querer esquecer pela dor que me provocam. Sinto tanto a tua falta! Já não sinto o pulsar nas veias, porque nada mais tem interesse para mim. Sinto-me um lobo solitário, nada nem ninguém compreenderá a minha dor.
Mas hoje, um capitão do meu batalhão, que perdeu um filho, partilhou comigo aquilo que eu tenho a certeza: jamais esta dor vai extinguir-se ou diminuir. E, por isso, segui o seu conselho e escrevo-te esta carta, decidido a tomar uma atitude e a honrar a tua memória todos os dias que restam da minha vida. O que quero dizer com isto é que cada batalha que vença será por ti, por saber o quanto defendias a monarquia, fosse ela constitucional ou não. Cada criança que ajudar, será por ti, por saber o quanto te preocupavas com todas elas. Cada livro que ler, será por ti, por saber o quanto te entusiasmavas ao ouvir as minhas explicações históricas. Cada música que ouvir, será por ti, pelo dom que carregavas e com o qual nos presenteavas sempre que tocavas piano. Em tua honra, lutarei pela abolição da escravatura, que tanto abominavas. Só não me peças para rir e ser feliz, porque disso jamais serei capaz.
A ti, peço-te apenas duas coisas: para me visitares nos meus sonhos, sempre que conseguir dormir, e que me acompanhes e me dês forças nesta

luta que terei pela frente… a de sobreviver até voltar a encontrar-te, e, aí sim, poder abraçar-te e dar-te tudo o que mereces e que não fui capaz de te dar em vida. Até lá, caminharei neste meu futuro que é agora um trilho vazio e assombrado.

Eu prometo honrar a tua memória e o nosso amor, que jamais se extinguirá. Esse será sempre uma chama que manterei acesa, enquanto viver.

Obrigado por apareceres na minha vida e por me teres dado a conhecer o amor. Por mais que esta dor me mate por dentro, voltaria a repetir tudo outra vez para te ter como minha mulher, minha esposa, meu amor. Foste mais que um amor e uma esposa para mim… foste uma inspiração, uma aprendizagem, uma orientação, um presente divino!

Daria todo o resto da minha vida, para te ter comigo só mais um segundo.

Com uma tristeza profunda me despeço, meu amor.

Serás a minha única e eterna mulher.

Do teu eterno e grato esposo,

Francisco de Melo

Parte 1

1
Francisco

Brasil - Rio Grande do Sul, 1819

Insetos zuniam e vagiam junto dos seus ouvidos, pairando sobre ele e desejando-lhe o sangue, mas ele não se importava com mais nada. Francisco de Melo encontrava-se sentado na terra, numa clareira afastada, onde há dias tinham combatido contra forças opressoras. Os seus dedos tateavam o amuleto que durante anos circulara no pulso de quem ele mais amara na vida. Encostou a cabeça à árvore que lhe amparava as costas, cerrou os olhos e, sem ser preciso qualquer esforço, lá estava ela… a imagem nítida de Manuela. O seu rosto e os momentos que viveram juntos ressurgiram-lhe na mente e demoraram a dissipar-se. Quase que lhe conseguia tocar de tão precisa que era a sua recordação. Sempre que fechava os olhos era a imagem dela que via, era o cheiro dela que sentia, e se estava vivo era por ela. Só desejava regressar novamente a Recife para escolher um terreno fértil, à sombra de um ipê amarelo, onde pudesse assentar uma lápide como tributo àquela que fora e seria sempre a sua única mulher. Tinha intenções de se juntar a ela, nessa mesma sepultura, pondo fim à própria vida.

Bastava abrir os olhos para depressa aquela paz interior e ilusão desvanecerem e serem novamente engolidas por uma tristeza profunda, que se cravava nele como uma faca de várias pontas, aguçada pela lembrança de que mais uma vez não tinha sido capaz de a proteger. Não suportava a dor da lembrança, porém as recordações que tinha de Manuela eram o único alento que o mantinha vivo. Sacudiu a cabeça, evitando que a dor o consumisse ainda mais, e limpou as lágrimas que, sem que disso se tivesse aparentemente apercebido, lhe escorriam pelo rosto juntamente com o suor provocado por aquele dia abrasador.

Francisco era agora um homem vazio. Interrogava-se todos os dias como aguentaria manter-se naquele exército, cumprindo a sua missão e a palavra que dera ao juiz José Presas.

Como poderia um homem continuar a avançar sozinho rumo ao futuro? Durante muitos anos lutara pela pátria, longe da família, mas nessa altura desconhecia o amor e tudo era mais fácil. Mas depois as suas prioridades mudaram, e já não conseguia dedicar-se com o mesmo afinco nem entregar-se por inteiro àquela causa. O seu coração devastado estava agora irredutível, limitando-se a bombar sangue para oxigenar o seu corpo e mantê-lo vivo… um vivo-morto. Sem dúvida que o seu coração era agora o seu mais digno oponente, obrigando-o a sentir toda a dor lancinante que lhe percorria a alma. Travava agora a maior das suas batalhas, com a sua maior força inimiga… ele próprio, que tanto ansiava pelo seu fim.

Apesar de já ter partido de Recife há um ano e meio, só tomara conhecimento do falecimento de Manuela há menos de um ano. Desde esse dia fatídico que prometera a si mesmo manter-se vivo só até cumprir um último dever: visitar o local onde ela falecera. Transformara-se num lobo solitário, sem baixar a guarda, em silêncio, sem trocar uma única palavra com os seus companheiros naquela guerra interminável contra Gervásio Artigas.

Francisco continuava a ter as feições atraentes e um corpo atlético e musculado, porém, o seu rosto parecia agora envolto por um vazio que o consumia. O sofrimento enlutara-lhe a alma e isso transparecia-lhe também na face, no olhar.

Em 1817, quando Montevideu foi invadida pelas tropas portuguesas, estas não encontraram qualquer resistência inimiga. A cidade encontrava-se numa situação lamentável, com os cofres públicos vazios, sem mantimentos, o comércio estava totalmente paralisado e a exportação aniquilada, pelo que os uruguaios aceitaram tranquilamente o domínio português. De certa maneira, a invasão representava a chegada da estabilidade e harmonia a um lugar onde antes reinava o desespero da anarquia. Afinal, a ocupação portuguesa trouxe até um surto de desenvolvimento a o que é hoje o Uruguai.

No entanto, as forças de Gervásio Artigas continuavam a hostilizar as populações vizinhas. E, se no início o general Lecor não se preocupou em aniquilar as forças ainda remanescentes, passado algum tempo isso acabou por ser imprescindível. Francisco e os Voluntários d'El Rei passaram os primeiros momentos sem grandes confrontos, mas esse clima de paz durou pouco tempo e foi necessário dividirem-se tropas para combaterem no Rio Grande do Sul, onde Francisco estava agora. Uma campanha militar era uma correria louca ou uma pasmaceira fútil.

Estavam em 1819, e as ameaças àquele território eram uma constante diária. Para agravar a situação, acontecimentos internos em Portugal tiveram como uma das consequências enfraquecer a ocupação da Banda Oriental,

o território onde é hoje o Uruguai. Após o ressurgimento em Portugal das invasões francesas e das crescentes pressões provocadas pela Guerra Peninsular, a direção do país considerou que o Brasil deveria voltar à situação anterior, de colónia e não reino, perdendo aquele território e consequentemente muitos dos seus privilégios. Obviamente que isto não foi bem aceite por muitos nativos, nascidos no Brasil, ou *brasílicos*, como muitos designavam. E, daí, decorreram hostilidades que afetaram a disciplina dos Voluntários d'El Rei, que também se dividiram e queriam regressar à Europa.

Os risos e vozes dos seus camaradas tornavam-se cada vez mais audíveis, mediante cada libertador gole de cachaça. Um cantil embateu no seu colo e despertou-o do estado absorto que tanto prezava. No seu dedo anelar mantinha a aliança de casado, aquela que Manuela lhe oferecera e a qual nunca tirou.

— Coronel! — chamou-o Thomé Pinheiro, que lhe lançara o cantil cheio de cachaça — Falar pode não aquecer o seu coração, mas ajudará o tempo a passar. E a cachaça aquecer-lhe-á o sangue.

— Não sei para que insistes. O coronel não vai perder tempo a gastar a saliva contigo — ripostou outro.

— Não foi a língua que o coronel perdeu, foi o coração — murmurou João Azevedo. — Ele não conseguiu restabelecer-se da morte da mulher.

— Não entendem, pois não? — avigorou Manoel Costa. — Ele não pretende restabelecer-se. Aquela mulher era a razão da sua existência.

— Eu também perdi o meu irmão, e sei o quanto precisamos de nos reerguer — insistiu um outro.

— Uma perda é sempre uma cruz que carregamos nos nossos corações — insistiu Manoel Costa, sussurrando. — Mas, das últimas vezes que estive com Marrocos, ele próprio enfatizou o quanto era evidente o amor que o coronel demonstrava pela esposa.

— Partilhe suas mágoas connosco, coronel — insistiu Thomé Pinheiro, que o admirava profusamente. — Estamos cá para isso mesmo… matar as sombras que se apoderam das nossas almas.

— Não quero sobrecarregar nenhum vivo com o fardo da minha verdade — pronunciou-se milagrosamente Francisco.

— Hoje vivos, amanhã quem sabe mortos! — suspirou João Azevedo.

— Como ela era? — arriscou Manoel Costa, aproveitando que Francisco quebrara o silêncio.

— Não há palavras para descrevê-la. Deixem-me no meu silêncio e com as minhas memórias, as quais se afiguram demasiado intensas e altas para eu conseguir escalar e partilhar convosco.

— Um dia tudo terá um fim — esperançou-se Manoel Costa. — Quem disse que a vida é uma dádiva é porque não viveu neste inferno.

— Terá isto algum dia um fim? — perguntou Agostinho, referindo-se àquela vida passada entre batalhas. — Desde a Colónia do Sacramento que andamos nisto.

— Pff — Thomé soltou ar pelo nariz, em sinal de descrença. — Quem manda os galegos serem gananciosos? Todos nós quisemos aquilo que nunca nos pertenceu.

— E pior que isso foi chantagearmos Espanha com algo que lhes pertencia — comentou João Azevedo.

— E ainda dizem que o português é burro e acomodado! — escarneceu Manoel Costa.

— Esta terra, na qual sentamos agora os nossos rabos, é mais concorrida que os bordéis de Paris! — gracejou João Azevedo.

— Esta terra já foi um mar de sangue — salientou Francisco.

— E continua a ser — reforçou Agostinho, o mais velho do batalhão. — Muitos dos nossos comparsas faleceram nesta guerra interminável.

— Sei que deve ser difícil imaginar este território inundado de índios, mas foram eles que mais vidas perderam aqui — acrescentou Manoel Costa.

— Que disparate falas? — rezingou Diogo Ribeiro, um dos portugueses mais jovens do pelotão.

— Deixa de ser ignorante. É um crime seres voluntário numa guerra, da qual desconheces a verdadeira origem — censurou Manoel.

— E desde quando é preciso saber histórias de índios para ser um herói ou mártir? — ripostou Diogo Ribeiro.

— Claro que é relevante. É bom que as conheças para que te definas e saibas a que lado te deves aliar, e por quem estás disposto a entregar a tua vida — arrematou João Azevedo, o que provocou expressões constrangedoras e cúmplices, olhando de soslaio para Francisco. Todos eles sabiam o que Francisco passara e o quanto tinha sido aliado quer dos revolucionários quer da coroa, a quem agora voltara a aliar-se para combater os inimigos. Contudo, ele não dera a mínima importância àquele comentário sem malícia.

— Alguns de nós viveram essa dúvida — clarificou Agostinho. — Quem sabe nem todos estivéssemos aqui, se nos aliássemos a um único lado.

— Sete povos das missões orientais, diz-te alguma coisa? — interveio Manoel Costa, tentando dissipar o silêncio incómodo que se instalara e terminar aquele assunto. — Colocar-te algo nessa cabeça é mais difícil que empurrar vinho para o cume de uma montanha — acrescentou, criticando Diogo Ribeiro, o que provocou uma gargalhada geral, à exceção de Francisco, que se

mantivera inexpressivo. — Atrevia-me a sugerir ao coronel que te elucidasse, mas julgo que nem ele teria paciência para isso.

Francisco recordava-se inevitavelmente do entusiasmo de Manuela sempre que ela ouvia as explicações que ele lhe dava sobre o que quer que fosse, e, sem que se apercebesse, rasgou um leve sorriso.

— Sou mais novo que todos vocês… se ninguém me explicar, jamais saberei — ripostou Ribeiro, justificando a sua falta de conhecimento.

— É legítimo — mencionou Francisco, deixando todos em silêncio. Era habitual ele mergulhar no seu mundo, na sua bolha. Para ele, quanto mais profunda era a ferida, mais privada era a dor. — Que queres saber?

— Como teve origem toda esta guerra? Que sete povos das missões orientais são esses? E que matança de índios foi essa que ocorreu aqui? — interessou-se Ribeiro.

— Para que fiques esclarecido de uma vez, precisas de saber o que são os sete povos das missões orientais — começou Francisco por dizer. O único ruído que se fazia ouvir era o chilrear dos pássaros pousados em árvores. O respeito que tinham por ele era imenso e, ao ouvi-lo pronunciar-se, ninguém arriscara abrir a boca. — Presumo que saibas que os bandeirantes[1] de São Paulo escravizaram mais de cem mil índios. — Francisco, ao perceber o silêncio do camarada Ribeiro, prosseguiu: — Isto foi há dois séculos, logo não tens obrigação de saber. Mas foi desde então que os Jesuítas iniciaram um restabelecimento e criaram trinta povos, dos quais apenas sete se localizavam neste território, ao qual chamamos a Banda Oriental. Os restantes povos ficaram a oeste, onde fica a Liga Federal.

— E esses povos eram constituídos maioritariamente por portugueses ou nascidos no Reino do Brasil? — arriscou Ribeiro, a medo, por ver que mais ninguém se pronunciara.

— Cada um desses povos tinha de dois a doze mil índios — respondeu Francisco.

— Como conseguiram disciplinar esse povo indigente? — quis saber Ribeiro.

— Ao contrário do que presumes, os índios são extremamente organizados e produzem em elevadas quantidades, principalmente produtos agrícolas — respondeu Francisco.

— E tinham habilidades louváveis — pronunciou-se Manoel Costa, captando que o coronel iria continuar com a explicação. — Chegaram a construir

[1] Bandeirantes: denominação dada aos sertanistas do período colonial que, a partir do início do século XVI, penetraram na América do Sul em busca de riquezas minerais, sobretudo o ouro e a prata, e indígenas para escravização.

campanários, cidades inteiramente construídas por eles. E, ao contrário de ti, até aprendiam música e latim. — Este comentário levou a que Francisco engolisse em seco. A referência à música levou a que o seu pensamento divagasse para outra dimensão, recordando-se de Manuela ao piano.

— É mesmo, coronel Francisco? — quis certificar-se Ribeiro, repetindo a questão por diversas vezes, uma vez que Francisco não o escutara.

— Só tinham de dormir em celas… regra exigida pelos padres jesuítas — interveio Manoel Costa, na dúvida sobre se o silêncio de Francisco era por mera distração ou propositadamente.

— Coronel, é mesmo verdade isso? — insistiu Ribeiro. — Coronel!

— Peço desculpa, Ribeiro — lamentou Francisco, despertando do seu estado absorto.

— É mesmo verdade que eram obrigados a viverem em celas? — repetiu Ribeiro.

— Sim — afirmou Francisco. — Os padres sabiam o quanto os índios facilmente tinham múltiplas famílias e acabaram por implementar essa regra. Ao dormirem em celas juntamente com as suas famílias, evitavam que se relacionassem com outros membros tribais.

— E que lhes aconteceu para não estarem aqui, a ajudarem-nos a defender este território? — questionou Ribeiro.

— Aí é que está. Este sempre foi um território ameaçado, por ser tão desejado, e consequentemente uma centelha prestes a incendiar — referiu Francisco. — E nessa época, os limites fronteiriços ainda não tinham sido definidos, como até hoje ainda não foram. No entanto, Portugal e Espanha negociaram de outra maneira… recorrendo à Colónia do Sacramento, que como sabes está localizada mesmo em frente a Buenos Aires, com o mar entre ambas.

— Sei que a Colónia de Sacramento foi tomada e devolvida pelos Portugueses e Espanhóis por diversas vezes — disse Ribeiro, orgulhoso.

— E sabes muito bem — frisou Manoel Costa. — Afinal, sempre entra alguma coisa nessa cabeça.

— É por esse momento que refiro que os galegos foram gananciosos — interveio Thomé. — Portugal acabou por estabelecer uma negociação definitiva com Espanha, aceitando dar-lhe a Colónia de Sacramento, que nunca foi nossa, em troca de receber os sete povos das missões orientais.

— Ah, já estou a entender — animou-se Ribeiro. — Mas… continuo sem perceber por que razão não estão os índios aqui, aliando as suas forças com as nossas!

— Mas tu és mesmo burro, hã! — resmungou Manoel Costa — E desde quando os índios iriam aliar-se a quem quer que fosse, quando eles foram os primeiros a fixar-se aqui?

— De qualquer modo, essa tribo era pacífica. Os guaranis nunca foram desordeiros — amenizou Thomé.

— Então esses índios acabaram por pertencer ao povo português, como parte da negociação que estabeleceram com Espanha, certo? — confirmou Ribeiro.

— Não. Nesse tratado ficou explícito que Espanha seria responsável por evacuar os índios num prazo de seis meses. Mas claro que alguns líderes indígenas não aceitaram — esclareceu Francisco.

— E é então que surge a Guerra Guaranítica — acrescentou Thomé.

— Como assim? Quem os índios mataram, se o território estava abandonado? — estranhou Ribeiro, curioso.

— Foi necessário contratarem pessoas especialistas, como geólogos, entre outros, para definirem as limitações fronteiriças. E Gomes Freire de Andrade foi um deles… saiu do Rio de Janeiro e foi até ao local, percorrendo centenas de quilómetros para demarcar os limites. Assim como o Marquês de Valdelírios — esclareceu Manoel Costa.

— Mas os índios não queriam sair, o que é legitimo. Tinham aqui as suas cidades construídas, com igrejas, gado, entre outras coisas que levaram uma vida inteira a desenvolver — frisou Francisco. — E consta que alguns dos padres jesuítas receberam dinheiro dos espanhóis para convencerem os índios a deixar o território.

— Com suborno tudo se consegue… até índio entra na jogada — gracejou Thomé.

— Mas o povo espanhol foi atacado pelos guaranis. Morreram mais de duzentos espanhóis e foram capturados mais outros setenta e quatro homens — relembrou Francisco.

— Colheram o que plantaram — rosnou Manoel da Costa, que tinha um sentido crítico apurado.

— E depois? Que aconteceu depois? — perguntou Ribeiro, empolgado. — Os espanhóis não quiseram vingança?

— Claro que sim. E juntaram-se aos portugueses nessa guerra. Mais de mil e quinhentos portugueses e outros tantos espanhóis, além de uma porção de canhões. E dois anos depois iniciaram marcha em direção ao território oriental, pelo qual ainda hoje lutamos para que permaneça nosso — explicou Francisco.

— Inicialmente o plano não era esse. Tinham pensado que as tropas portuguesas iriam sair do Rio Pardo em direção a Santo Ângelo, pelo Norte, e os espanhóis de São Tomé, pertencente à Liga Federal, atacando em São Francisco de Borja, pelo Sul, realizando movimentos de convergência e empurrando os indígenas para a margem ocidental do Rio da Prata. Mas o plano foi abortado — interveio Manoel Costa.

— Quem me dera ter o conhecimento destes dois — comentou Agostinho, que embora fosse o mais velho era bastante humilde e sem grande patente.

— Mais respeito a quem muito já combateu — rezingou Manoel Costa, sempre pronto para repreender e dar uso à sua autoridade.

— Mas certamente nós tínhamos tropas treinadas e artilharia pesada para nem dar a mínima hipótese aos índios — presumiu Ribeiro.

— Presumes mal — antecipou-se Manoel Costa, que não perdia uma oportunidade de humilhar os mais novatos. — Dessa quantidade elevada de homens, lusitanos e espanhóis, só umas quatro ou cinco centenas eram de corpo regular do exército.

— E além disso também existia um líder indígena — salientou Thomé. — Sepé. Sepé Tiaraju era esse o nome dele.

— Sepé? — repetiu Ribeiro, franzindo a testa. — Ele era chefe dos sete povos das missões?

— Exatamente — confirmou Thomé. — E não pense que andava desfilando nu não… ele se vestia a rigor, como se fosse um verdadeiro espanhol. Era alferes e decidiu liderar o exército.

— Um índio vestido de espanhol só pode ser uma piada — gracejou Ribeiro.

— Mas não se iludam com o seu poder. Segundo consta, era um bundão — frisou Thomé. — E na primeira e única liderança que fez para atacar Rio Grande do Sul, o seu cavalo pisou num buraco e ele tombou. *Cadê* as sementes do que colheu? O que semeou ele para colher o mérito de mártir? Nada fez para isso. Sepé acabou por ser preso e torturado.

— E foi o português José Joaquim Vieira que acabou por o matar — concluiu Francisco.

— Como vês Ribeiro, é fácil se tornar um mártir! — gracejou Manoel Costa. — Basta cantares de galo e seres torturado após uma queda de cavalo no primeiro minuto de guerra. — Muitos soltaram uma gargalhada, sabendo o quanto Manoel tinha razão no que dizia.

— E é isso? Os índios desistiram? — perguntou Ribeiro.

— Não. Mais facilmente morriam todos do que um índio desistia — sublinhou Francisco. — Um outro líder indígena foi eleito e, em 1756, houve uma

matança terrível, precisamente aqui, no território onde sentamos os rabos. — Ribeiro tinha as mãos apoiadas na terra e, inconscientemente, ergueu-as.

— Quem morreu? — perguntou Ribeiro, curioso.

— Os índios. Quem haveria de ser? — soprou Manoel.

— Mais de 1700 índios mortos aqui neste solo — murmurou Francisco. — Portugueses e espanhóis, ambos culpados por essa carnificina. Fora uma centena deles, que foram presos.

— Nenhum conseguiu escapar? — perguntou Ribeiro.

— Uns trezentos — devolveu Manoel Costa.

— E de que valeu? Ainda hoje aqui estamos — lamentou-se Thomé.

— Como o coronel sabe tudo isso? — perguntou Ribeiro, surpreendido por a cada dia que passava admirar e respeitar mais aquele homem, que o treinara naquele batalhão.

— Para chegar a coronel e se ser um bom líder não basta saber lutar e manusear uma arma — elucidou-o Francisco.

— Como não? — perguntou Ribeiro, incrédulo. — Isso é o mais importante e, claro, a nossa persistência e coragem.

— De corajosos está o mundo cheio — rezingou Manoel Costa. — Assim como os revolucionários… coragem não lhes falta. Mas como já presenciámos, isso não foi o suficiente.

— Tem de se saber pensar, estudar, aprender — destacou Francisco.

— E de que isso nos vale quando entramos em território inimigo? — discordou Ribeiro.

— Posso dizer-te que o poder da linguagem e da argumentação chega a ser mais importante que tudo o resto — salientou Francisco.

— Alguma vez ganhou uma batalha a falar, coronel? — confrontou Ribeiro, com um ligeiro tom sarcástico.

— Ganhar não digo… mas já perdi, por os meus argumentos não terem força suficiente. E nem imaginas o quanto perdi — respondeu-lhe Francisco.

— Para mim, ser um bom líder, ter pontaria e cavalgar são o essencial para ter um futuro promissor na carreira militar — disse Ribeiro, convicto do que estava a dizer.

— Pois nunca te esqueças do que te vou dizer — referiu Francisco, com um olhar inquisidor, mas com alguma paternalidade —, todo o sentido da minha vida foi jogado numa vala de lixo por não ser capaz de persuadir e argumentar o suficiente. Fui torturado como Jesus Cristo, coloquei em causa a minha honra perante a monarquia, perdi amigos, mas, pior do que tudo isso, perdi a minha mulher.

Um silêncio mordaz apoderou-se de toda a atmosfera envolvente. Nenhum dos camaradas se atreveu a soltar um único suspiro. Ribeiro, por respeito ao coronel que tanto admirava, manteve-se em silêncio sem arriscar uma intervenção. Embora sem razão, Francisco punia-se pelas derrotas que vivenciara.

— Não foi uma única vez que cometi esse erro, foram várias. Mas, se a minha capacidade de argumentação tivesse sido superior em duas ocasiões, teria sido o suficiente — continuou Francisco, apercebendo-se de que todos aguardavam as suas palavras. — Num primeiro momento, quando permiti que Suassuna dividisse os homens de forma injusta. E, num segundo momento, em Porto de Galinhas, quando poderia ter sido mais firme e autoritário, prevendo que aqueles homens se iriam banhar naquele rio.

— Todos bem sabemos o quanto o coronel bateu o pé e se impôs para que aqueles homens se afastassem do rio — interveio Thomé Pinheiro.

— Mas não foi o suficiente — rematou Francisco. — Todas aquelas vidas dependiam de mim.

— Não podemos obrigar um homem a não seguir as suas convicções — retorquiu Ribeiro, compreendendo o quanto aquilo ainda perturbava Francisco.

— Aí é que te enganas — contrariou Francisco. — E é aí que reside o poder da linguagem. Posso não conseguir impedir um homem de seguir as suas convicções, mas é possível levá-lo a crer que as suas convicções e prioridades são outras.

— Como assim? — perguntou Ribeiro, confuso.

— Pode parecer absurdo o exemplo que te vou dar — arriscou Francisco —, mas se eu os tivesse convencido de que aquele rio estava repleto de piranhas, teria sido o bastante para que nenhum deles ali se fosse banhar. — Francisco não pôde deixar de se recordar das palavras de Manuela quando, poucos minutos antes de se despedir dela, esta o questionara acerca da razão para não se aproximar daquele rio, se porventura se devia à existência de piranhas. Na altura ele estava tão preocupado com os seus homens que nem dera importância ao que ela dissera, mas a verdade é que até então tivera bastante tempo para refletir sobre tudo o que se passara.

— Lá está o poder da linguagem e a capacidade de argumentação — concluiu Manoel Costa, orgulhoso do seu amigo, e incapaz de evitar um sorriso pelo canto dos lábios.

— Cada vez o admiro mais, coronel — rematou Ribeiro. — E tenho a certeza de que não foi fácil pensar e agir, tendo em conta a presença da sua esposa naquele momento. — Todos os presentes lhe lançaram olhares fulminantes, incrédulos com aquele atrevimento em falar na esposa de Francisco, algo que tanta agonia e desespero lhe trazia.

— Pff — Francisco soltou um barulho enfadado pelo nariz. — O que não é fácil, soldado Ribeiro, é este infortúnio irreparável. É ter de sobreviver nas sombras — Todos se mantiveram em silêncio, até ouvirem o som de cavalos a poucos metros dali.

— Ali está algo que me esvazia a mente — animou-se Ribeiro ao ouvir o som dos cavalos e utilizando isso como pretexto para mudar de assunto, arrependido por ter tocado em assuntos mais delicados. — Na fazenda que o meu pai me deu temos muitos. Faço questão que o coronel um dia nos visite.

Francisco não se pronunciou, sabendo muito bem que isso não iria acontecer. Tinha intenções de acabar com a própria vida e essa era a sua maior convicção de momento. Aqueles homens dependiam dele e, se havia algo que ele queria cumprir até ao fim, era manter a sua honra e dever. Terminaria a sua missão, visitaria o local onde Manuela falecera e faria uma sepultura em honra do amor que um dia ambos tinham vivido. Depois disso, nada o prenderia à vida.

— Em breve poderás regressar à tua fazenda — pronunciou-se Azevedo, lançando um olhar confiante a Ribeiro. — E espero que o convite seja extensivo a mim.

— Com o destacamento do regimento da cavalaria de milícias acredito que em breve todos regressaremos a casa — esperançou-se Thomé Pinheiro.

— Deus te ouça, Thomé, Deus te Ouça! — desejou Agostinho.

— O que você acha do coronel Diogo Arouche de Moraes Lara, coronel Francisco? — perguntou Thomé.

— Um coronel como eu, que vai dar o peito à própria morte — respondeu-lhe. — Se algum de nós tiver de morrer, que seja eu, não ele.

— Porque diz isso, coronel? — estranhou Thomé.

— Porque eu já não tenho mulher, e filhos nunca os tive. Certamente o coronel Diogo Lara terá alguém que ame e por quem deva lutar para continuar a viver — justificou-se Francisco, e um silêncio perturbador invadiu aquele acampamento.

— Com todo o respeito, coronel Melo, mas, independentemente de quem tenha perdido, a sua vida não vale menos do que a do coronel Lara — disse Ribeiro, decidido.

— Pode até valer de igual modo, mas não tenho a menor dúvida de que a sua vontade de viver é bem maior do que a minha — concluiu Francisco, ao mesmo tempo que se erguia do chão e se encaminhava para a tenda. — Com a vossa licença, vou retirar-me. E todos vocês deveriam fazer o mesmo, avizinha-se um novo combate contra Artigas. Descansem enquanto

podem. — E afastou-se, afundando o rosto num aglomerado de capim, o qual lhe servia de travesseiro improvisado.

Os momentos mais difíceis eram as noites, nas quais o silêncio e o relaxamento do corpo lhe avivavam a mente e o presenteavam com inúmeras memórias de Manuela. De dia, ou enfrentava tropas inimigas e combatia sem tréguas, ou em momentos de paz treinava pelotões. Mas, em ambas as circunstâncias, a sua mente mantinha-se ocupada a proteger a sua vida e a daqueles homens. Não podia permitir que mais uma gota de sangue fosse derramada por consequência de alguma falha sua. Segurou na carta que Manuela lhe escrevera antes de morrer e leu-a mais uma vez. Nela, constavam as últimas palavras do único e verdadeiro amor da sua vida. Ao de leve, tocou com os dedos sobre cada letra e cada contorno daquelas palavras. Podia ouvi-la a ler o que ela própria escrevera para ele, sussurrando baixinho ao seu ouvido e provocando-lhe arrepios pela coluna. A certa altura, deitou-se sob aquela lona camuflada com capim, que impedia que os soldados avistassem as estrelas, fechou os olhos e ali estava ela mais uma vez… precisamente a última memória que tinha dela. A recordação materializou-se na sua mente como se Manuela estivesse à sua frente naquele exato momento, e no qual ele lhe entregava um machado para as mãos, por mera precaução. Sentiu uma dor dilacerante queimar-lhe o coração. O seu corpo estava vazio, oco por dentro, e já nem lágrimas tinha para aliviar a sua dor. Era agora um morto que vivia de memórias.

No dia seguinte, foram surpreendidos pelas tropas de Gervásio Artigas, que invadiram os sete povos das missões pelo passo Santo Isidoro. Deu-se um combate e o batalhão de Francisco teve de reagir de rompante e lutar. O regimento de cavalaria de milícias, comandado pelo coronel Diogo Lara, juntou-se ao batalhão de Francisco, na tentativa de ganharem vantagem numérica. Porém, o pelotão de Francisco considerava o coronel Lara demasiado jovem, apesar de este ter praticamente a mesma idade que ele. Sentia uma responsabilidade acrescida depois da morte de Manuela, quase como um sentido de obrigação por todos aqueles homens, mesmo que tivessem a mesma graduação militar que ele.

O soar de tiros e o tilintar de espadas ecoava no ar. Francisco lançara-se no meio da força opressora, mas tinham sido surpreendidos e a velocidade de resposta já não podia ser recuperada. O coronel Diogo Lara, montado no seu cavalo e dando ordens ao seu regimento, lançara-se desfreado por entre o exército inimigo. Vinha acompanhado do seu recém-formado regimento de milícias guarani a cavalo. Os guaranis eram lanceiros natos e Francisco não pôde deixar de admirá-los. À frente de uma massa de infantaria,

Francisco penetrou no bosque, no qual se entrincheirava uma grande parte da infantaria inimiga e de onde vinha um fogo mortífero contra a espalda do acampamento. Segundo ordens de Francisco, o batalhão conseguiu bater corajosamente essa força, obrigando-a a ceder depois de uma vigorosa resistência, levando à rendição de mais de duzentos prisioneiros. Nesse preciso momento, o coronel Diogo Lara tombou do cavalo e embateu no chão. Francisco, ao ver, não resistiu a correr e a acudir aquela pobre alma. Ajoelhou-se e amparou-lhe a cabeça sobre as pernas. E foi justamente nos seus braços que, segundos depois, o coronel Diogo Lara morreu, sem conseguir dizer as suas últimas palavras. Nesse momento de fraqueza, Francisco ordenou que o seu batalhão se retirasse de São Nicolau, evitando que outros padecessem do mesmo destino, deslocando assim as suas forças militares para outros municípios do Rio Grande do Sul, também ameaçados. Conseguiu sair vitorioso, porém inconformado por ter sido incapaz de salvar a vida daquele coronel, um homem ainda jovem, com trinta anos, determinado e com ânsia de vitória, tal como Francisco o fora também.

Só mais tarde surgiram os reforços, enviados pelo Conde de Figueira, os quais encontraram São Nicolau abandonado, território onde o coronel Diogo Lara acabara por morrer.

Muitas foram as vezes que ele saíra vitorioso contra as tropas de Artigas, tendo chegado a vencer com apenas seiscentos e cinquenta homens contra três mil. No entanto, sempre que perdia um homem, Francisco não se conformava.



Um novo acampamento ergueu-se quando parte do batalhão de Francisco guarneceu Jaguarão, um município no Rio Grande do Sul, localizado no extremo sul do Brasil e fronteiriço ao atual Uruguai. Um território marcado por um curso de água navegável de trinta e dois quilómetros, com dois metros e meio de profundidade. Mas, tal como Francisco antevia, as tréguas não duraram muito, e Gervásio Artigas atacou novamente. Francisco antecipara-se e dividira parte daquele batalhão, levando alguma cavalaria a ocultar-se numa colina relativamente próxima. Francisco manteve-se no território que serviria de isco para as tropas de Artigas. À distância, o inimigo ocupava uma posição vantajosa e a sua aproximação não tardou a surgir, apoiando os flancos com infantaria e cobrindo os seus movimentos com grande número de lanceiros de índios, que atacaram impetuosamente toda a linha da frente do batalhão de Francisco.

Por entre as balas e lanças, Francisco soltou um grito, ordenando degolar toda aquele avanço da brava infantaria inimiga. Não iria arriscar a vida de nenhum dos seus homens. Teria de agir depressa, por isso foi o primeiro a dar o exemplo e lançou-se na frente, montado no seu cavalo, que levantou poeira ao galopar a toda a velocidade.

Apesar da sua amiudada artilharia, Francisco treinara bem os seus homens, os quais demonstravam cada vez mais confiança e respeito pelo seu experiente coronel. Tudo estava planeado. A restante parte do batalhão, que se ocultava do lado oposto, desceu a colina e surpreendeu os lanceiros inimigos por trás, que sofreram uma descarga de fogo cerrada. A cavalaria inimiga, atemorizada pelo fogo do batalhão de Francisco, não se arriscou a avançar, o que lhe permitiu não hesitar naquela oportunidade e lançar-se a Artigas, o qual foi preso e levado para o Rio de Janeiro.

Já no acampamento, após a vitória, Francisco reuniu o batalhão para verificar o número de baixas. O respeito por aquele coronel era imenso… um homem silencioso, mas dinâmico, caprichoso, astuto, precavido e perspicaz, por mais diplomático que fosse. Mas, acima de tudo, um homem disposto a enfrentar forças inimigas e a dar a vida pelos seus.

— Vitoriosos, coronel — animou-se João Azevedo, grato por pertencer àquele pelotão. — Finalmente, poderemos regressar a casa. Uma vitória plena. — Bateu-lhe com respeito nas costas, como sinal de agradecimento.

— Vitória semiplena — interveio Francisco. — Não nos podemos esquecer daqueles que perdemos e que tiveram tanto ou maior bravura do que todos nós. — Francisco era obrigado a falar com o seu pelotão, mas sempre que podia evitava e trancava-se a sete chaves nas sombras do seu sofrimento.

— A morte deles não foi em vão, coronel — frisou Azevedo. — E ficarão marcados na história.

— História? De que vale isso? — protestou com escárnio Manoel Costa. — Quando nos tornarmos mártires não estaremos cá para colher os frutos da nossa glória.

— Quando poderemos regressar a casa, coronel? — questionou Ribeiro.

— Não temos ordens da coroa para partir em retirada — respondeu Francisco.

— Mas Gervásio Artigas já foi levado preso — insistiu Ribeiro, sem perceber as razões para se manterem por ali.

— Seguiremos o nosso rumo, mas teremos de aguardar ordens definitivas — clarificou Francisco.

— Posso pelo menos escrever uma carta aos meus tios? — perguntou Ribeiro, ansioso pelo regresso.

— Desde quando precisas da minha aprovação para te corresponderes com a tua família? — retorquiu Francisco, afastando-se e deixando o seu batalhão desfrutar do sabor da vitória. De certa forma, o seu soldado Diogo Ribeiro lembrava-lhe o seu amigo e primo Duarte, um jovem corajoso com alguma ingenuidade e inocência à mistura. O soldado Ribeiro, inconscientemente, acabara por o encorajar a tomar uma atitude. Precisava de manter viva a lembrança da sua mulher e de partilhar com aqueles que ainda lhe restavam aquilo que tanto o matava por dentro: as saudades que tinha de Manuela. E foi isso que o levou a entrar na sua tenda e decidir escrever ao seu irmão e aos seus amigos. Num ímpeto, pegou numa pena e começou a redigir uma carta, enquanto ainda havia luz do Sol.

Meu querido irmão e ilustres amigos,
nos primeiros dias em que aqui estive, a guerra foi mais defensiva, na qual reinava a paz e o silêncio absoluto pelas terras abandonadas que a população, a medo, deixava para trás. Aos poucos, este território tem vindo a apinhar-se de corpos de soldados, sejam índios ou não, que por honra à sua pátria ali ficaram no campo onde combateram com bravura.
Nesta última batalha, não só conseguimos sair vitoriosos como foi possível capturar Gervásio Artigas, que foi finalmente preso e está agora a caminho do Rio de Janeiro.
Quando aqui chegámos, encontrámos a cidade de Montevideu abandonada, desprovida de mantimentos e com os cofres completamente vazios. Como devem imaginar, aqui pouco comemos, mas estamos vivos, ou pelo menos eu mantenho-me vivo, infelizmente.
Estou exausto de treinar homens, simples marionetas, arriscando assim milhares de vidas. Alguns deles são tão ingénuos que nem fazem ideia por que razão aqui estão.
Depois da tua carta, meu irmão, caí numa profunda cratera de lágrimas e não posso negar o quanto anseio submergir na minha alma devastada. Estou vivo, sim, mas só a minha carne deambula por entre estes soldados. O meu coração, a minha alma e a minha felicidade, esses, abondaram o meu corpo desde o momento que li a carta que me escreveste. Obrigado por permitires que lesse as últimas palavras que a Manuela me deixou. Todas as noites, antes de fechar os olhos, leio cada palavra como se fosse a primeira vez. Jamais irei perdoar-me pelo seu triste destino. Rezo todos os dias pela sua alma e inquieto-me só de pensar nos momentos que vivenciámos juntos.

Talvez só ainda esteja vivo pela intensa proteção que ela exerce sobre mim… eu sei o quanto olha por mim, mais do que eu algum dia olhei por ela.

Lamento se não consigo alongar-me nas palavras como antes fazia. Mas sinto-me incapaz de me expressar, falar e até mesmo viver. O meu refúgio foi-se embora, para uma viagem sem retorno, da qual nada posso ansiar, por mais anos que espere. Se tal fosse possível, resignar-me-ia a essa delonga e esperaria uma eternidade. O vazio que cresce dentro de mim é de uma dimensão tal, que muito me espanta como ainda cresce de dia para dia. Eu morri quando ela morreu. Manuela era as velas do meu navio e sem ela encontro-me a naufragar, afundando-me cada vez mais e mergulhando nas profundezas de uma escuridão sem fim.

Em breve estarei aí, do vosso lado, mas não ambicionem que volte a ser o que outrora fui.

Agradece a Joaquim tudo o que fez por mim e por Manuela, pois eu não me recordo se tive oportunidade de o fazer quando estivemos ambos presos, dias antes de me levarem para a forca.

Ao Duarte, peço-lhe apenas que apoie, o quanto lhe for possível, no desenvolvimento daquele orfanato, ao qual Manuela tantas horas dedicava. E quanto ao piano, por mais que me custe, eu encarregar-me-ei de o oferecer a Alice ou ao almirante José, bem sei a estima que a minha mulher tinha por esses seus dois alunos. Não vou conseguir olhar para o piano sem que este me torture ainda mais.

Até ao meu regresso,

Francisco de Melo